



IV ENCONTRO DE INICIAÇÃO A DOCÊNCIA DA UFCG

Linguagens, Diversidade e Docência no PIBID - UFCG

A ARTE DE LER EM SALA DE AULA: A EXPERIÊNCIA COMPARTILHADA NOS MACROCAMPOS E O USO DE AUDIOVISUAIS

Tatianne Ellen Cavalcante Silva (ID-UFCG); Leonardo Augusto Silva Leite (ID-UFCG); Alisson Felinto Trajano (ID-UFCG); Edinete Rodrigues de Souza (ID-UFCG); Maria Jucineide Araújo (ID-UFCG); Osmael Márcio de Sena Oliveira (ID-UFCG); Wilker Oliveira Araújo (ID-UFCG) Eronides Câmara Araújo (PC-UFCG); Aida Célia Azevedo Costa (PS- Escola Estadual Severino Cabral);

RESUMO

Este artigo tem como pretensão problematizar as memórias sobre a experiência de iniciação a docência que nós integrantes do PIBID/UFCG – Subprojeto História vivenciamos desde o início do projeto, na Escola Estadual Severino Cabral. Nosso objetivo é apresentar as estratégias de leituras utilizadas em sala de aula como uma prática da docência compartilhada, refletindo as contribuições para nossa formação, como também para supervisoras e colaboradores. Para tanto escolhemos as atividades aplicadas em forma de oficinas e dentro destas procuramos dar ênfase as atividades com a utilização de recursos audiovisuais por percebermos nesta uma maior interatividade e interesse por parte dos alunos.

Palavras-chave: Docência; Memória; História.

1. INTRODUÇÃO

Uma das primeiras orientações dadas a nós do Subprojeto História foi à importância que a experiência docente teria no desenvolvimento do projeto. De início, inexperientes e cambaleantes, mas mentalmente preparados para a experiência que viria,

procuramos reconhecer o território e traçar estratégias para lidar com a entrada um pouco furtiva que fizemos (o projeto se iniciou em Julho de 2012, corrido metade de um ano letivo), assim a presença na sala de aula poderia fluir sem ter um impacto negativo.

A Escola Estadual Severino Cabral, participa do projeto de Ensino Médio Inovador e dentro deste estão os macrocampos, sendo alguns exemplos desses: “ Uso e comunicações de mídia, leitura e letramento, participação estudantil, Ciência e tecnologias, “ dentre outros. Dentro desta nova proposta para o ensino médio busca-se a interdisciplinaridade e a exemplo disto temos as professoras de história e geografia responsáveis pelo macrocampo de leitura e letramento. Junto à professora de história se insere a este parte dos alunos do projeto PIBID-História, de modo a trabalhar relacionando a leitura e letramento e os conteúdos de história. Separamos estes eixos metodológicos em dois momentos: nos dois primeiros bimestres trabalhamos a leitura focando na interpretação de suas múltiplas formas; e para os outros dois bimestres os trabalhos serão focados na escrita e suas multiplicidades. Serão apresentadas abaixo as atividades dos dois primeiros bimestres e suas contribuições para o aprendizado dos alunos da escola e dos integrantes do projeto PIBID.

Entrar em contato com o ambiente na sala de aula teve papel fundamental. Poder falar, escutar, observar, ler e escrever. A experiência docente tem se feito em vários sentidos, dialogar com as professoras, conhecer seus anseios e expectativas sobre os(as) alunos(as) que as cercam, sobre os colegas de profissão, sobre o presente e o futuro da educação nos faz pensar nosso lugar como futuro docentes. Trabalhar com os alunos e observar suas múltiplas personalidades, capacidades, qualidades e fraquezas, nos orienta a traçar estratégias para lidar com tais circunstâncias. Aprender com os outros nos possibilita confrontar visões, questionar aos outros e ser questionados sobre nossas práticas. Dai o Subprojeto não ser feito de apenas um componente, aprendemos a falar melhor, a ouvir melhor, adquirimos novas leituras, e descobrimos que escrever também faz parte da docência.

Nossas estratégias consistiram em buscar uma metodologia pela qual fosse possível trabalhar novos temas e as linguagens em sala de aula: a utilização do cinema, da literatura, das imagens (fotografia, pintura etc.), linguagens e temas em corrente uso na produção historiográfica contemporânea. Para auxiliar tal discussão, sobre o que iria compor o currículo do que trabalharíamos, discutimos as idéias de Tomaz Tadeu da

Silva (1999) sobre o currículo, suas implicações no cotidiano escolar, e as identidades. Discutimos também o desafio de trabalhar com os livros didáticos adotados nas escolas e em circulação no mercado e suas ligações com as diversas correntes historiográficas.

2.OFICINAS PEDAGÓGICAS PARA O EXERCÍCIO DA LEITURA E OS MACROCAMPOS

Optamos como estratégia metodológica a oficina pedagógica, tanto como proposta de avaliação, quanto como tática metodológica para trabalhar determinados temas em sala de aula e práticas de leituras, além de usar os recursos audiovisuais e textos literários etc. Trabalhar com metodologias tradicionais que vão além da aula expositiva, como a oficina, favorece a articulação de diferentes níveis de ensino (no nosso caso do ensino médio com o ensino superior como atividade de docência e extensão) e a interdisciplinaridade, possibilitando assim para nós um exercício à docência e uma possibilidade de qualificar a aprendizagem das supervisoras e os alunos (as) que interagem conosco.

A escolha desta metodologia teve efeitos próximos do esperado. Os alunos(as) mostraram-se bastante interessados no desenrolar das atividades, acreditamos que no cotidiano da sala de aula, os temas elencados entre nós e as supervisoras foram importantes para esse interesse. A experiência das supervisoras em elaborar atividades de acordo com cada turma trabalhada foi fundamental, o que nos ajudou a estabelecer um diálogo com os diferentes grupos de alunos, e assim traçar estratégias pedagógicas para trabalhar as deficiências que cada um demonstrava. O diálogo foi fundamental nessa experiência de contato, como afirma Moita e Andrade (2006), citando Paulo Freire acerca do papel de dialogar na profissão docente:

[...] o diálogo é o sinal, o distintivo que deve marcar a produção do conhecimento na escola. É tanto que o título da sétima carta propõe: de falar ao educando a falar a ele e com ele; de ouvir o educando a ser ouvido por ele”. A troca comunicacional, que tanto permite a autoridade própria da competência docente quanto a participação ativa do alunado, integrando seus saberes, é indispensável para evitar-se seja o autoritarismo, seja a licenciosidade (p. 2).

Foi possível um trabalho que ampliasse os temas no primeiro semestre do ano letivo de 2013, quando começamos a acompanhar as professoras com o exercício dos Macrocampos. Trabalhar com “Leitura e Letramento” e “Comunicação e Mídias Digitais” possibilitou planejarmos o trabalho em sala de aula para além da

tradicionalmente aula- expositiva, utilizando temáticas e competências que os currículos atuais estão exigindo, como: relacionar expressões culturais aos contextos históricos (literatura, pintura, fotografia); discutir as transformações sociais e os contextos políticos, nacionais e internacionais (a produção de textos, imagens e músicas em seus contextos históricos e culturais). Com esta experiência dos macrocampos foi estabelecido um processo de comunicação no qual o nosso papel foi de estimuladores da produção de interpretações sobre temas, com a abertura para a fala dos próprios alunos(as), como sugere Paulo Freire (2002): "[...] ao falar com clareza sobre o objeto, é incitar o aluno a fim de que ele, com os materiais que ofereço, produza a compreensão do objeto, em lugar de recebê-la, na íntegra, de mim" (pp.133-134).

Ao trabalhar com textos literários, por exemplo, indicamos possibilidades para que os alunos construíssem suas próprias interpretações sobre textos, além de facilitar a prática da interdisciplinaridade fazendo dialogar a disciplina história e a literatura. Os resultados das oficinas se mostraram bastante produtivos, utilizamos uma crônica de Millôr Fernandes "O macorvo e caco"¹, texto que o autor escreve as frases em códigos, embaralhando palavras e formando neologismos que devem ser decifrados ao longo da leitura, uma palavra só seria decifrável se relacionada com a próxima. A crônica de Millôr Fernandes foi uma estratégia para trabalhar as questões que envolviam a leitura como ato de decifrar, de relacionar significados, de se perguntar em que condições históricas o texto foi produzível. Estimulando a idéia de que a leitura implica participar de uma linguagem, de que o ato de interpretar envolve uma série de condições históricas, sociais, subjetivas.

Para além do exercício da leitura e interpretação individual, as oficinas pedagógicas proporcionaram colocar as interpretações em confronto com outras, com a dos(as) colegas que os(as) acompanham todos dias, seja sobre o amor, sobre a ganância, sobre o dinheiro, sobre o bom e o mal, o bonito e o feio. Na segunda oficina trabalhamos o poeta Manoel de Barros utilizando o livro *O retrato do artista quando coisa* (1998) selecionamos o poema "A menina que apareceu grávida de um gavião" para ser objeto de reflexão e debate entre os alunos que separados em grupos, deveriam interpretar o poema atentando para as orientações anteriores sobre conhecimento de mundo, subjetividades, figuras de linguagem, etc.

¹ Disponível no endereço: http://www.releituras.com/millor_macorvo.asp

As interpretações produzidas foram variadas, mas algumas apresentam semelhanças. No trecho do poema que diz:

A menina apareceu grávida de um gavião.
Veio falou para a mãe: O gavião me desmoçou.
A mãe disse: Você vai parir uma árvore para
a gente comer goiaba nela.
E comeram goiaba[...].

Enquanto em algumas interpretações esse trecho foi traduzido como uma maneira da “mãe” afirmar que teriam o fruto do ventre da filha, em outros esse trecho foi interpretado como uma forma das duas (a “mãe” e a “menina”) “extorquirem dinheiro do homem que chamam de gavião”. Porém quando chamamos a atenção para o verso final do poema as leituras parecem ter concordado: “Só as palavras não foram castigadas com/ a ordem natural das coisas/ As palavras continuam com seus deslimites.” Depois da leitura do fechamento do poema, as interpretações apareceram como uma forma de dizer que as palavras “possuem magia, que significam coisas que muitas vezes não são, que podem ser metafóricas e que não possuem limites”.

Através da utilização desses dois recursos literários, poesia e prosa, durante as aulas expositivas-dialogadas e oficinas pedagógicas nos fez perceber que é possível um processo de ensino-aprendizagem em que as artes sejam utilizadas. A leitura e a literatura como ferramentas para trabalhar outras dimensões das experiências históricas, tem se mostrado bastante produtiva no desenvolvimento de nossa iniciação a docência.

3. A FORMAÇÃO DOCENTE E UTILIZAÇÃO DE RECURSOS AUDIOVISUAIS.

O cinema e a história viveram e vivem momentos de altos e baixos em sua relação. Apenas em 1929 com a Escola dos Annales é que a historiografia se interessa para a utilização de novas fontes, passo importantíssimo para a dinamização do ensino de história. Desde Marc Ferro (1992) que as possibilidades de utilização do cinema na construção da história – história vivida e história contada- vem sendo analisada por aqueles que tratam os audiovisuais como um rico material de análise. José D’Assunção Barros (2008), em seu artigo “Cinema e História: entre expressões e representações”, elenca suas contribuições neste campo analisando cinco relações possíveis entre cinema e história. E dentre estas se encontra a contribuição do cinema como material didático.

Porém como nos aponta Jorge Nóvoa (2008) para muitos historiadores e professores de história perceber o cinema como fonte histórica ou como instrumento

didático ainda é pautado por muitas resistências e estas perpassam pelo imobilismo conservador das instituições onde os mesmo estão inseridos. Mas ao sair dessa zona estática e buscar trazer as inovações tecnológicas para o nosso ofício cotidiano, percebe-se o quão proveitoso pode ser a utilização dessa relação do cinema e da história na sala de aula. Para estabelecer esta relação faz-se necessário que o docente trace estratégias metodológicas, desde a escolha do filme, até o ato final de discussão analítica em sala de aula. Para tanto no momento do planejamento o docente deve pensar a partir da necessidade da turma para que o filme não se configure apenas como “passa tempo” e sim trabalhado para promover um momento prazeroso para os alunos e professores e proporcionar maior interesse para estes suscitando assim o debate.

Ao trabalhar com filmes percebemos a importância da interdisciplinaridade, pois dificilmente faremos atividades para analisarmos o contexto histórico presente nestes sem trabalharmos outros campos do saber, como por exemplo, a interpretação textual, as configurações espaciais onde a obra é filmada e narrada – assim trabalhamos a geografia- e os símbolos filosóficos na obra difundidos.

Sendo assim podemos pensar o mundo das comunicações e das inovações tecnológicas que se encontram na ordem do dia e entrar na sala de aula sem se apropriar desses novos meios tecnológicos tem sido cada dia mais difícil. A interatividade trazida pela internet, com seus jogos de imagens e sua forma rápida para se adquirir a informação, tem feito parte do cotidiano dos jovens e adolescentes. A informação está a um “*click*” de distância. Desta forma o ofício do professor tem paulatinamente se transformado, sendo agora mais do que nunca um facilitador e servindo como filtro das muitas informações que circulam nessa rede. Sairmos então do quadro-negro e giz branco para as coloridas telas do computador.

E se o cotidiano dos alunos deve ser de tanta interatividade, o espaço que se pretende ter é de produtividade do saber. O campo da história conta com variadas formas para a dinamização do conhecimento trazido para a sala de aula, e uma destas é o trabalho com os recursos áudio- visuais. Jorge Nóvoa (2008) nos indica que “[...] se a história é um processo vivo, assim também deve ser seu estudo”. O estímulo à pesquisa com utilização de vídeos e filmes, tornam as informações e o conhecimento mais próximo e acessível ao corpo discente. Porém não se trata de pensar vídeos, filmes e imagens como meios ilustrativos dos acontecimentos históricos e sim perceber estes

como documentos históricos, agente histórico e perpassar do que é apenas visível nestes, para o que está no campo dos símbolos.

Estas ideias exercidas no macrocampo “Leitura e Letramento” teve por objetivo pensar e exercitar a leitura e a escrita, eixo do subprojeto de História, para funcionalidade do saber histórico. Em sala de aula, tivemos as experiências de trabalhar com um documentário, um vídeo e ministrar uma aula sobre a história do cinema e a utilização do cinema na historiografia.

O documentário utilizado foi o “*Ilha das flores*”, que conta com a direção de Jorge Furtado e teve sua exposição no Festival de Gramado de 1989. Para a utilização do mesmo fizemos o planejamento, observando junto a professora supervisora algumas necessidades da turma, portanto a escolha deste não se deu de forma aleatória, este tem uma característica que muito chama a atenção, pois conta uma história a partir da utilização de fotografias estáticas que vão se sobrepondo de acordo com a narração. As imagens se repetem frequentemente assim como as palavras utilizadas por esse narrador. O objetivo principal foi trabalhar a interpretação dos alunos, tendo em vista ser este um dos maiores problemas da turma no processo de ensino-aprendizagem. O documentário buscou trabalhar não apenas elementos conteudistas, como também reflexões acerca de seus comportamentos no âmbito do cotidiano escolar. Tratando questões tais como: o desperdício de alimentos, a valorização da merenda escolar por parte dos que não tem acesso a mesma além da possibilidade de repensar atitudes cotidianas proporcionadas pelo ciclo do capitalismo.

O documentário foi utilizado mediante a aplicação de um exercício. Na primeira exposição o vídeo foi passado sem som, e foi pedido aos alunos que escrevessem o que eles podiam perceber da história que estava sendo contada, apenas pelas imagens. E no segundo momento passou-se o documentário com imagens e sons sendo pedindo aos mesmos a interpretação de tais elementos. Ao fim da atividade suscitou-se em um debate que trouxe elementos possibilitados pelo documentário e percebidos pelos alunos.

Outra atividade que foi realizada neste mesmo contexto foi a análise do vídeo “*Blue Bird*” de Charles Bukowski . A atividade foi realizada em dois momentos, o vídeo foi assistido em casa e elaboramos algumas questões a serem observadas e analisadas neste e a atividade foi finalizada em sala de aula. Percebemos que da

primeira atividade para a segunda houve um aprimoramento na interpretação e percepção dos alunos com os aspectos simbólicos das imagens exposta no vídeo, como por exemplo, os símbolos de liberdade e os medos da exposição dos sentimentos pelo personagem do segundo vídeo.

Em questionário aplicado na turma em que estas atividades foram desenvolvidas, foram feitos seis questionamento que buscavam compreender aspectos tais como: a importância dos macrocampos, especificamente o de leitura e letramento, o desenvolvimento dos alunos PIBID nas atividades com eles efetuadas e para saber a recepção dos mesmos quanto à utilização dos recursos audiovisuais. É interessante perceber a necessidade que estes alunos expuseram de se trabalhar em sala de aula com elementos que estão presentes no dia-a-dia dos mesmos. Na fala destes se expressam a maior atenção que estes destinam para aulas que são trabalhadas com vídeos ou slides na forma a leva-los a problematizar e discutir outros elementos de leitura que se fazem presentes em seus cotidianos, porém que passavam despercebidos pela falta de direcionamentos que os possibilitem a desnaturalizar os símbolos expostos nos vídeos.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Dentro destes trabalhos podemos perceber a importância da utilização dos recursos audiovisuais na sala de aula como elemento de descentralização e abrangência dos aspectos interpretativos que não são arquitetados apenas pelo(s) professor(es). E sim tendo uma aula pulverizada de olhares distintos, provocado pelo debate entusiasmado dos alunos. Diante da análise dos alunos para como vídeo há uma exposição da personalidade de cada um, e percebemos esta pela interpretação que nesse contexto se faz de forma subjetiva. Se para alguns o pássaro preso no coração do homem era símbolo de bons sentimentos para outros este sentimentos eram de obscurantismo e de medo destes sentimentos.

Para o aprendizado da docência estas análises são de suma importância para que não passemos a perceber os alunos apenas como sujeitos aptos a receber os conteúdos, mas que nós enquanto professores possamos estabelecer um canal de comunicação com estes jovens que passam por períodos conflitos da formação da identidade. Com atividades que trabalhem o desenvolvimento interpretativo dos alunos, mas que abram espaços para os mesmo se expressarem, observamos uma maior cumplicidade entre alunos e professores o que se faz extremamente necessário no processo de ensino-

aprendizagem. E possibilita ao professor agir como mediador na resolução dos conflitos destes jovens que estão sempre expostos a problemas de caráter sociais e psicológicos, como problemas de depressão.

REFERENCIAS BIBLIOGRAFICAS

ANDRADE, Fernando César B e MOITA, Filomena Ma.G. S. Cordeiro. **O saber de mão em mão:** a oficina pedagógica como dispositivo para a formação docente e a construção do conhecimento na escola pública. 2006.

BARROS, José D'Assunção. Cinema e História: entre expressões e representações. In: NÓVOA, Jorge e BARROS, José D'Assunção. **Cinema-História:** teoria e representações sociais no cinema. 2. Ed. Rio de Janeiro: Apicuri, 2008.

BARROS, Manoel. **O retrato do Artista Quando Coisa.** Rio de Janeiro, Record 1998.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia.** 24^a ed. Rio de Janeiro, Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2002.

NÓVOA, Jorge. Apologia da relação Cinema-História. In: NÓVOA, Jorge e BARROS, José D'Assunção. **Cinema-História:** teoria e representações sociais no cinema. 2. Ed. Rio de Janeiro: Apicuri, 2008. p. 13- 40.